

Angelina Purpurina



Angelina Purpurina

no circo

FANNY JOLY

ILUSTRADO POR
RONAN BADEL

TRADUÇÃO
ANDRÉIA MANFRIN ALVES



Observe todos com atenção,
eles estão nestas histórias...

Vitor, o irmão
mais velho.



Angelina Purpurina,
conhecida como Pirralha.

José-Máximo, o irmão do
meio, também chamado de
Zé-Max, JM ou Mad Max.



Pedro Quindim,
a paixonite.

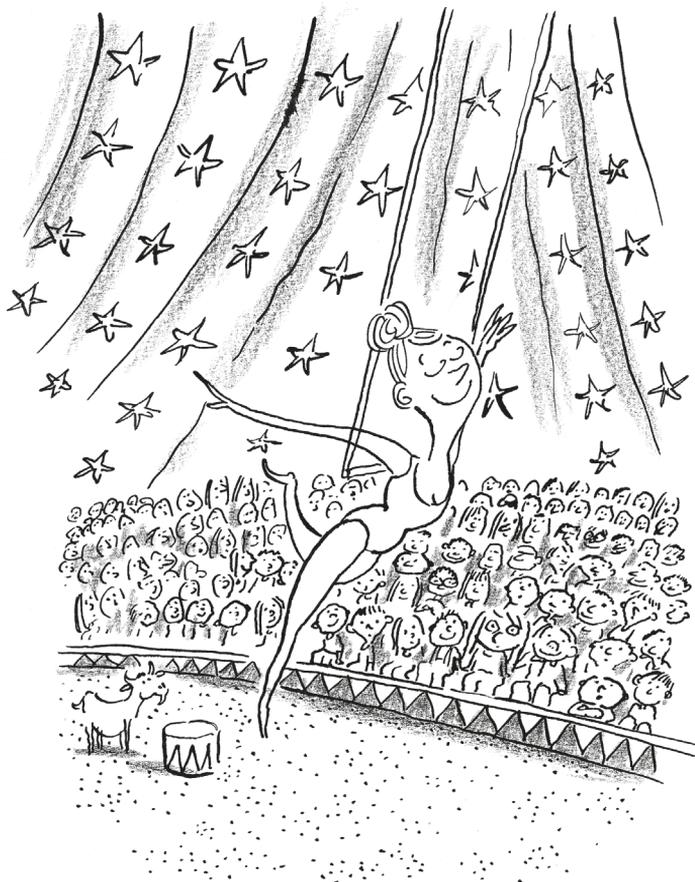


A trupe do circo
Os Reis da Estrada.

A senhorita
Ran Zinza.



1. Os Reis da Estrada





Sete vezes sete

QUE DOMINGO CHATO... E A MINHA VIDA, ENTÃO? UM aborrecimento depois do outro...

E quase todos vinham dos meus irmãos, é lógico. Eles são dois, são maiores que eu e mais chatos do que tudo. Seus nomes são Vitor (onze anos) e José-Máximo (nove anos). Eu me chamo Angelina, tenho oito anos, e o nosso sobrenome é Purpurina.

Se vocês ainda não sabiam, agora sabem! Estão me achando resmungona? Pois eu sou mesmo.

Quando me lembro daquele domingo, vejo mil motivos pra isso...

Logo cedo, o Vi e o JM (iniciais do nome do José-Máximo) não paravam de me irritar. Eles tinham uma ideia nova a cada segundo. Eram tantas, tantas ideias que já esqueci metade das que eles inventaram pra me atormentar. Não posso me lembrar de tudo.

E também nem quero lembrar.

Tem coisas mais interessantes na vida.

Só que naquele dia, por azar, não havia muitas coisas interessantes acontecendo em casa. Na verdade, não tinha era nada. Vocês mesmos podem julgar:

- ★ O papai mexia na papelada dele. Isso significa que estava plantado à mesa da sala com o computador e os papéis espalhados, e assim que um de nós se aproximava, ele resmungava como se a gente fosse... deixa ver... um carneirinho, e ele... digamos... um urso pronto pra nos devorar.
- ★ A minha mãe resolveu cozinhar pra semana toda. Ela faz isso de vez em quando. Acende todas as bocas do fogão e o forno, liga o rádio no último volume, transpira igual a um

bombeiro apagando um incêndio na floresta, e quando tentamos falar com ela, a mamãe responde que não é o melhor momento.

- ★ Quanto a mim, a CATÁSTROFE: eu tinha que estudar a tabuada de multiplicação até a do sete! E PRA VALER, já que os meus pais tinham olhado a minha agenda e visto que a professora mandara a gente escrever em letra maiúscula, com caneta vermelha, bem no meio da folha:

ESTUDAR IMPECAVELMENTE
AS TABUADAS DE MULTIPLICAÇÃO
INCLUINDO A TABUADA DO SETE.
PROVA SURPRESA.

“Impecavelmente”, “incluindo” e “prova surpresa” sublinhados.

A tabuada do sete é a pior pra mim (mas é bom dizer que ainda não aprendemos a do oito e a do nove). Na verdade, tem coisa pior: a Eloá Filigrana, a peste da minha sala, saracoteando enquanto repetia: “Facinhoooo, superfacinhoooo!”, como se fosse a

campeã do mundo de contas, mas na verdade ela só era menos ruim do que eu.

Enfim...

Não sei se vocês já tentaram decorar a pior das tabuadas de multiplicação com os piores irmãos do mundo na sua cola. Não desejo isso pra ninguém. Nem mesmo pro meu pior inimigo. Nem pra Eloanta (esse é o apelido que eu dei pra aquela chatonilda da Eloá), pra vocês terem ideia.

A cada cinco minutos, o Vi e o JM apareciam no meu quarto feito duas assombrações:



— Sete vezes seis? Você não sabe, Pirralha?

— Sete vezes nove? Você tem cérebro de gelatina, Pipizinha?

— Sete vezes sete? Vaaai, pensa bem, Pirralhenta!

— Sete vezes oito? Pffff... não consegue pensar rápido, Pirralhentinha?

Normalmente, quando os meus irmãos me chamam SÓ UMA VEZ de Pirralha, ou de qualquer coisa que se pareça com esse apelido abominável, eu aciono na hora o meu alarme-turbo-soluço e vou correndo dedurá-los. Mas daquela vez eu NÃO PODIA. E eles sabiam. E, é claro, se aproveitavam disso. Por que eu não podia? Porque eu NÃO sabia essa droga de tabuada do sete! Na-na-ni-na-não! Nem às duas da tarde. Nem às três horas. Nem às quatro... Eu repeti e RE-repeti: mas ela se recusava a entrar no meu cérebro, ZE-RO! Então, se eu descesse pra dedurar os meus irmãos, antes que eu conseguisse dar UM SÓ soluço, os meus pais me bombardeariam com perguntas do tipo sete vezes isso, sete vezes aquilo! E o que eu ganharia?

Problemas além dos que eu já tinha! NÃO, OBRIGADA!

Por volta das cinco horas, depois de tanto aguentar, explodi. A vontade de fugir das garras dos meus irmãos me fez descer da cadeira. Abri a minha porta de repente. O Vi e o JM correram pro andar de baixo. Pra me espionar? Provavelmente. Mas não importa. Quando viram a minha cara de quem estava pronta pra guerra, eles sumiram pro quarto feito ratinhos dentro da toca. Não sei se os ratos têm tocas. Em geral, são os coelhos, mas os meus irmãos são pavorosos demais pra serem comparados a coelhos.

Atravessei a sala andando bem devagar. O papai não levantou a cabeça. Ponto pra mim.

Corri pra cozinha.

— A gente precisa comprar pão, né, mamãe?

Ela deu meia-volta, encoberta pela fumaça das panelas.

— Ah... você está aí, minha querida?

Pra evitar muita conversa, falei num tom bem firme:

— Vou comprar pão fresco pro jantar! Onde está a sua carteira?

Ela olhou pela janela.

— Está escurecendo e faz frio... É melhor chamar os seus irmãos pra irem com você!

“Socorro, tudo menos isso!”, pensei.

Mas não falei nada. Peguei o meu casaco que fica pendurado na porta da entrada.



— Tá tudo bem, mamãe, o meu casaco me esquenta!

E BAM! Saí de casa. O ar gelado atingiu as minhas bochechas em cheio. Exatamente o que eu precisava pra baixar a temperatura do meu sangue, que tava mesmo muito elevada (de raiva dos meus irmãos). Virei à direita, na direção da padaria que fica na rua das Bigornas. Eu chamo de padaria dos Resmungões: se resmungar mais que o dono e a dona, você morre!

Só que esqueci de um detalhe: era domingo. Dei de cara com a padaria FECHADA. Meia-volta. Direção: a padaria dos Campeões, pros lados do jardim que tem o mesmo nome, do outro lado de Rigoleta (a cidade onde moro).

Foi no final da avenida Doçura que tive a incrível visão.

Uma visão que... como posso dizer?... me deixou sem reação!

As calçadas estavam desertas, o que não é nenhuma surpresa se pensarmos naquele baita frio.

Já anoitecera. Uma névoa cinzenta flutuava em volta dos postes de luz.

Um palhaço gigante caminhava um pouco mais longe, no meio da rua, abraçado com um tigre. Umaz luzes piscavam em volta deles... Quando cheguei mais perto, entendi: era um cartaz colado na lateral de um caminhão!

Uma música explodiu de um alto-falante:

— *Tra tra dá tum dum pá tim pã tarara damdam!*

Depois, uma voz grossa falou:

— *Senhoras e senhores, Os Reis da Estrrrrada chegaram à cidade! Emoção! Risadas! Arrepios! Uma*

única apresentação exxxxcepcional na quarta-feira,
dia 6! Sim, eu disse exxxxcepcional, senhoras e se-
nhores! Entrrrrrrem na magia do circo com o nosso
GRRRRRANNDE espetáculo: OS RRRRREIS DA ES-
TRRRRADA NA RRRRRIGOLETA!



— Tra tra dá tum dum pá tim pã tarara dam-
dam! — a banda repetiu, no meio de uma enxurrada
de aplausos.



6 pro 6

O CAMINHÃO DESAPARECEU VIRANDO A ESQUINA DA avenida... mas não desapareceu da minha cabeça. **UM CIRCO** em Rigoleta! Maravilhoso! Eu **AMOOOO** circo! Só fui uma vez, quando tinha uns dois anos. É a lembrança mais bonita que tenho na vida. Na verdade, não me lembro, mas tenho uma foto minha entre o papai e a mamãe, na frente de uma tenda vermelha e amarela, e eu **ADOOORO** essa foto. Além disso, os

meus irmãos não aparecem, o que deixa a foto ainda mais maravilhosa.

Toda vez que olho pra ela, tenho vontade de voltar pra época em que tinha dois anos, só pra ir de novo ao circo. No resto do tempo, prefiro continuar tendo oito anos. É mais legal ter oito do que ter dois, né? Pelo menos quatro vezes mais legal, se confiarmos na tabuada do quatro (a que sei melhor)...

Voltei pra casa correndo de tanta pressa que tinha pra dar a notícia sobre o circo pra minha família. Quando cheguei, percebi que... a visão do caminhão me fez esquecer totalmente do pão! Totalmente! Voltei correndo pra padaria. Não me arrependi: o padeiro da padaria dos Campeões me deu um chiclete de presente, além das duas baguetes que comprei. Os Resmungões não fariam a mesma coisa!

No caminho de volta, tive tempo de pensar: antes de falar sobre o assunto do circo, seria melhor aprender a tabuada do sete. E na ponta da língua, como diz a vovó Purpurina, ou seja, decorada-perfeita-sem-dar-nenhuma-engasgada. Tá, mas como fazer isso no espaço de uma hora que eu tinha antes do jantar se passei a semana inteira tentando, sem conseguir? Ao

subir a escada de dentro de casa, tive uma inspiração. Uma espécie de fórmula mágica escorreu pelo meu cérebro. Falei em voz baixa, assim:

- ★ Sete vezes! (E dizendo isso, coloquei o pé direito no primeiro degrau.)
- ★ Circo neles! (E coloquei o pé esquerdo no outro degrau.)
- ★ Sete vezes! (Pé direito.)
- ★ Circo neles! (Pé esquerdo.)

Eu sei que é bizarro. Não sou feiticeira nem fada, eu SEI. Mas não importa:

continuei só em pensamento, subindo cada degrau da escada. Vocês perceberam? SE TE e VE.ZES têm o mesmo número de sílabas, e também CIR.CO e NE.LES; então tem um ritmo quando falo isso subindo os degraus!

Não sei se é por isso, ou se é



porque a escada que sobe pro meu quarto tem treze degraus e treze é um número mágico, mas de todo modo DEU CERTO! A tabuada do sete entrou na minha cabeça como...

...uma carta na caixa de correspondência... uma colher no pote de iogurte, uma trapezista no picadeiro do circo!

No jantar, depois da sopa (de abóbora: blergh!, não gosto de sopa de abóbora, mas comi sem reclamar pra não estragar o que ia fazer depois), falei como se fosse uma metralhadora:

— Vocês sabiam que sete vezes um é igual a sete, sete vezes dois, catorze; sete vezes três, vinte e um; sete vezes quatro, vinte e oito; sete vezes cinco, trinta e cinco; sete vezes seis, quarenta e dois; sete vezes sete, quarenta e nove; sete vezes oito, cinquenta e



seis; sete vezes nove, sessenta e três; sete vezes dez, setenta? E sabiam também que tem um circo INCRÍVEL em Rigoleta? Seria INCRÍVEL a gente ir!

O Vitor começou a dar risada. Na hora, pensei que fosse de alegria.

— Você não acha que já temos circo suficiente nesta casa? — o papai resmungou.

Viram como não estou mentindo quando digo que *mexer na papelada* deixa o papai de mau humor?

A mamãe perguntou pros meus irmãos:

— Vocês gostariam de ir ao circo, meninos?

A risada do Vitor se transformou em uma careta de desgosto.

— Ah, circo é pros ANÕES... Não compre ingresso pra mim, prefiro ficar com o dinheiro pra aumentar as minhas economias e comprar o Space-Jato X27.

O meu irmão mais velho monta maquetes de avião. É a obsessão dele.

O Max pulou como se estivesse sentado em cima de uma mola.



— Ah, isso não é justo! Se o Vitor vai comprar o SpaceJato, então *mim dá* luvas de boxe!

A mamãe arregalou os olhos e corrigiu:

— Não se diz “*mim dá*”, José-Máximo!

O papai olhou pra mim e pros meus irmãos com uma cara bem brava. Não gosto nem um pouco desse olhar que coloca nós três no mesmo saco. E gostei menos ainda da frase que ele disse na sequência:

— Essas crianças são mimadas demais!

Pronto. Muito obrigada, meninos! O que poderia acontecer aconteceu: os nossos pais concluíram que *iam ver*. Eu já conheço isso. Quer dizer: não vamos ver é nada, não iremos e pronto.

De sobremesa teve torta de limão com suspiro.

A minha sobremesa predileta (principalmente quando é a que a vovó faz).

Essa tinha sido comprada no supermercado, é fácil saber: ela brilhava igual a um sapato envernizado dentro da caixa de plástico transparente. Mesmo assim é gostosa.

Não, claro que não comi. Tinha perdido o apetite.

Estava decepcionada.

E pensar que eu aprendera a tabuada do sete SÓ PRA ISSO!

Tanto esforço por NADA. Que desperdício!

Ajudei o mínimo possível a tirar a mesa do jantar. Só o suficiente pra não levar bronca. E assim que consegui, zum!, subi pro meu quarto.

Estava mastigando o Mastigadinho (o meu amado leão de pelúcia), pra tentar me *desirritar*, quando ouvi a campainha tocar três vezes. Vovó! A minha avó sempre toca três vezes a campainha enquanto abre a porta, já que ela tem a chave. Um dia perguntei pro papai por que ela fazia isso. “Pra ser discreta”, ele explicou. O papai defende a mãe dele. É muito gentil fazer isso. Mas eu acho meio nada a ver, porque a minha vó (de quem eu gosto ainda mais do que do Mastigadinho), em termos de discrição, parece mais com uma... corneta, sabe?

Pois é...

— Olá! Tudo belezinha por aqui? Tenho uma SUR-PRE-SAAAA! — a vovó anunciou.

É bom desconfiar das surpresas da vovó. Pode ser uma blusa de tricô bem feia, que ninguém pediu pra

ela fazer. Principalmente eu, já que a vovó costuma tricotar blusas com lã marrom, a cor que mais odeio.

Saí no corredor pra ver. Os olhos da vovó brilhavam tão forte que dava pra ver o brilho do andar de cima. Ela tirou seis ingressos vermelhos e amarelos da bolsa, dizendo:

— Seis ingressos pro dia 6!

— É... errr... o quê? O que é... o que é isso? — os meus pais gaguejaram.

— Um PRESENTE! Estou convidando todos vocês pra irmos ao CIRCO! Vi o caminhão passar e comprei os ingressos na hora!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM MAIO DE 2023